



Instituto Espírita
Obreiros do Bem

INFORMATIVO Obreiros

Órgão de divulgação interna do Instituto Espírita Obreiros do Bem – Edição 77 – Novembro de 2024

“É na caridade que
deveis procurar a
paz do coração, o
contentamento da alma,
o remédio para as
aflições da vida.”

E. S. E., capítulo XIII, item 11



Acesse o site do Obreiros: www.obreirosdobem.org.br

VIDA E MORTE

Para muitos de nós, conhecer a Doutrina Espírita foi uma das melhores coisas que aconteceram. Ela elucida inúmeras dúvidas que temos, e um dos pontos é sobre vida e morte. Um ente querido que desencarna nos causa grande tristeza. Sabemos que a vida nunca cessa; ela apenas se transforma. Após a morte, os espíritos continuam a viver em um mundo espiritual, onde podem se reunir com entes queridos, trabalhar em sua evolução e até mesmo ajudar os encarnados. Aceitar a morte de um ente querido é um dos desafios mais difíceis que podemos enfrentar na vida. A dor da separação pode ser avassaladora, e cada pessoa lida com o luto de maneira única. Esta aceitação é um processo gradual e pessoal. Não há respostas fáceis, mas com o tempo, a dor pode se transformar em uma saudade serena e em uma lembrança carinhosa. Não estamos sozinhos; é possível encontrar maneiras de seguir em frente, mantendo viva a memória daqueles que amamos.

Neste mês de novembro temos o Dia

de Finados, data dedicada a homenagear e lembrar os entes queridos que desencarnaram.

O Dia de Finados, para nós espíritas, é uma ocasião para refletir sobre a imortalidade da alma e a continuidade da vida após a morte. É um momento de homenagear os entes queridos que já partiram, enviando-lhes pensamentos de amor e preces, e de reafirmar a crença na evolução espiritual contínua.

Joanna de Ângelis através do médium Divaldo P. Franco no Livro "Dimensões da Verdade" expõe:

"Todas as civilizações da antiguidade oriental tributavam aos antepassados e aos mortos em geral expressivo culto de respeito e carinho. E até as pirâmides do Egito nos apresentam o significado das cerimônias que cercavam as exéquias¹ fúnebres, inscritos nas pedras ou registrados nas páginas do Livro dos Mortos.

Na Grécia, como em Roma, as almas dos mortos mereciam as mais

altas considerações e não poucas vezes os historiadores nos dizem dos colóquios² havidos entre os que transpuseram a aduana do túmulo e os reencarnados, na retaguarda física...

Com Jesus, no entanto, as considerações que eram devidas aos desencarnados perderam toda e qualquer significação, ocupando estes o lugar que lhes era próprio, na condição de espíritos imortais. E atestando-lhes a configuração imortalista o Rabi, várias vezes, os atendeu, mantendo expressivo comércio fraternal de esclarecimento e socorro com eles...

Nos tempos modernos ou no passado, em todas as dimensões da história, resumam fatos comprobatórios da continuidade da vida depois da disjunção³ carnal.

O Espiritismo, a seu turno, veio oferecer o atestado eloquente da imortalidade, ensejando experiências valiosas para a dignificação do homem à luz dos ensinamentos hauridos⁴ da boca dos imortais.

(...) E a morte não significa mais



que veículo para os horizontes sem fim da vida verdadeira.

Há, no entanto, que considerar mortos e mortos.

Nem todos, porém, que vivem na carne são vivos e nem os considerados mortos são mortos.

Alguns vivem, é certo, mas poucos estão vivos para a vida...

—
Não importa a condição social em que os encontres.

Uns deambulam⁵, ilustres, embora a indumentária carnal, cadaverizados pelo egoísmo.

Outros jornadeiam, bem acondicionados, mumificados pelo orgulho.

Mais outros passam, superficiais e inermes ante a ação corruptora da impudícia⁶.

Alguns movimentam-se, hipnotizados pelo prazer, a ele entregues.

Diversos aparecem inertes, aprisionados na indignidade.

Outros tantos escorregam, dominados pelo torpor do gozo animalizante.

Vários transitam aligeirados⁷, abraçando a cobiça.

Grande número constitui-se de presunçosos, apodrecendo no ócio a que se entregam...

Mortos, todos eles, embora estejam no corpo físico. E há aqueles que, considerados mortos, continuam vivos.

Mortos que estão levantando as bases morais da sociedade sob o influxo da misericórdia de Jesus Cristo, o Excelso triunfador da morte...

Mortos que amam e retomam ao cativeiro da carne para que suas vozes falem sobre a vida.

Mortos que sofrem e voltam para anunciar, agônicos⁸, as surpresas que experimentaram depois da travessia...

Mortos que trabalham e distendem braços incorpóreos na direção da dor alheia e socorrem.

Mortos que dilatam o Reino de Amor e Benignidade nos corações e nos espíritos ao império do clamor da Verdade.

Sim, mortos e Mortos.

Os primeiros estão ao teu lado, em toda parte, e os vês, falam contigo e os escutas. Examina-os de perto, usando as luzes com que a Doutrina Espírita te clareia o discernimento.

Os segundos também estão ao teu lado, em toda parte, embora nem sempre os vejas e, falando contigo, não os escutes.

Aqueles são os chamados vivos e atuantes, enquanto estes teimosamente são considerados mortos.

Medita!

Considerando a tua própria situação, em face dos ensinamentos do Espiritismo cristão, examina como vives,

como ages, que pretendes.

Se, em verdade, és do grupo que vive caminhando para a Vida, não te detenhas no charco das lamentações nem pares no poço escuro da revolta; arrebenta as algemas do erro, aproveita a preciosa gema da oportunidade e faze-te atuante instrumento desses mortos diligentes em quem crês, a quem amas, de quem te fala a mensagem espiritista, oferecendo a contribuição valiosa do teu esforço para que também tu, depois da morte sejas um desses incansáveis mortos..."

Concluimos com um trecho de uma psicografia que é muito significativa e fala de vida plena: "Esta data do Dia dos Mortos já não se estende a nós, viu pai e mãe. Esta data para nós é vida, foi o dia que recomeçamos a viver, aprendendo e ajudando a nossos amigos, familiares e o próximo. Estar com vocês que ainda estão sentindo nossa falta física, é como estarmos sempre nos materializando com amor e carinho todos os dias de suas vidas."

A Direção.

- 1 – Exéquias – cerimônias fúnebres que acompanham o corpo ao túmulo
- 2 – Colóquios - conversas
- 3 – Disjunção - separação
- 4 – Hauridos - consumidos
- 5 – Deambulam - vagueiam
- 6 – Impudícia - falta de moralidade
- 7 – Aligeirados - mais rápido
- 8 – Agônicos - Está em agonia

DEFENDA-SE

André Luiz

Não converta seus ouvidos num paiol de boatos.
A intriga é uma víbora que se aninhará em sua alma.

Não transforme seus olhos em óculos da maledicência.
As imagens que você corromper viverão corruptas na tela de sua mente.

Não faça de suas mãos lanças para lutar sem proveito.
Use-as na sementeira do bem.

Não menospreze suas faculdades criadoras, centralizando-as nos prazeres fáceis.

Você responderá pelo que fizer delas.
Não condene sua imaginação às excitações permanentes.
Suas criações inferiores atormentarão seu mudo íntimo.

Não conduza seus sentimentos à volúpia de sofrer.
Ensine-os a gozar o prazer de servir.

Não procure o caminho do paraíso, indicando aos outros a estrada para o inferno. A senda para o Céu será construída dentro de você mesmo.

FINADOS

Os Espíritos acodem nesse dia [finados] ao chamado dos que da Terra lhes dirigem seus pensamentos, como o fazem noutro dia qualquer

(LE, 321).

De acordo com alguns historiadores, o dia consagrado aos mortos originou-se dos antigos povos da Gália (atual França), os quais, então conhecedores da indestrutibilidade do ser, honravam os Espíritos e não os cadáveres, como, infelizmente, se faz na atualidade.

Esse dia, popularmente chamado de “finados”, é uma tradição mundial, cuja origem se perde na noite dos tempos, e que revela a intuição do homem sobre a imortalidade da alma. Finado é o participio passado do verbo “finar”, que significa o indivíduo que morreu, findou, faleceu.

Trata-se de uma cultura adotada por todos os povos e quase todas as religiões. Esteve inicialmente muito ligada, na Antiguidade, aos cultos agrários ou da fertilidade. Acreditava-se que os mortos, como as sementes, eram enterrados com vistas à ressurreição. Em vista disso, o primitivo dia de finados era festejado com banquetes e orgias perto dos túmulos, costume disseminado em várias civilizações do passado.

Após a morte do tirano Mausolo, rei de Cária, antiga região da Ásia Menor (377 a 353 a.C.), sua esposa Artemísia determinou a construção de um enorme edifício, ricamente enfeitado, para abrigar o corpo do soberano. Esta construção ou monumento funerário é considerado uma das maravilhas do mundo antigo, dentre as quais despontam as Pirâmides do Egito, que até hoje constituem morada dos restos mortais dos antigos faraós.

Daí surgiu a palavra mausoléu para identificar os sepulcros de grandes proporções.

Entretanto, somente no final do século X é que foi oficializado pela Igreja de Roma o “culto aos mortos”, com o nome de “finados”, destinado precisamente aos Espíritos que estariam no “purgatório”.

Para o Espiritismo, este é um dia como qualquer outro, uma vez que a ida ao cemitério é a representação exterior de um fato íntimo. As pessoas que visitam um túmulo manifestam, por esse costume, que pensam no Espírito ausente, embora muitas o façam apenas para se desincumbir de mais uma “obrigação social” no calendário humano.

Para homenagear o ente querido que partiu antes de nós, não é preciso, necessariamente, ir a cemitérios, via de regra repleto de

túmulos caiados, tétricos e poídos, porque lá repousa apenas o envoltório do Espírito (corpo físico).

O que sensibiliza o Espírito não é propriamente a visita à sepultura, mas a lembrança fraterna e a prece sincera daquele que ficou na Terra, o que pode ser feito a qualquer momento e em qualquer lugar. Por isso, o dia de finados não é mais importante, para os desencarnados, do que outros dias. A diferença entre o dia de finados e os demais dias é que, naquele, mais pessoas chamam os Espíritos pelos pensamentos.

O costume de as famílias sepultarem os restos mortais de seus membros em um mesmo lugar é útil do ponto de vista material, entretanto, para as Leis Divinas, essa cultura nenhum valor tem, do ponto de vista moral, a não ser tornar mais concentradas as recordações dos parentes.

O Espírito que atingiu um determinado grau de perfeição, despojado que se encontra das vaidades terrenas, compreende a inutilidade dos funerais pomposos, que servem mais aos que ficam do que aos que partiram.

Muitas vezes, o Espírito assiste ao seu próprio velório, não sendo raro as decepções que experimenta, ao se defrontar com alguns visitantes falando mal do “extinto”, contando piadas ou em conversas sobre negócios regadas a bebida alcoólica, sem qualquer respeito pela memória do recém-desencarnado. Mais decepcionado este fica, ainda, quando assiste às reuniões dos herdeiros, disputando, em brigas acirradas, a divisão dos bens do espólio.

As imagens e evocações das palestras dos presentes incidem sobre a mente do recém-desencarnado, o qual, na maioria das vezes, por ausência de preparo espiritual e desconhecimento das Leis Naturais, embora morto biologicamente, ainda não se desligou, mentalmente, dos despojos, o que lhe traz muito sofrimento, inclusive sensações desagradáveis, perturbações e pesadelos, dificultando ainda mais o seu desenlace (ver, no it. 7.4.7, a diferença entre desencarnação e morte biológica). O fato é que a menção do nome do próprio falecido e de outros mortos transforma-se em verdadeira invocação, atraindo-os ao ambiente em que nos encontramos (consultar cap. 14, da obra *Obreiros da Vida Eterna*, do autor espiritual André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier, um caso prático de evocação inconsciente ocorrido num velório).

Qual, então, deve ser a nossa conduta, nessas ocasiões? A mesma postura de respeito que devemos ter para com qualquer pessoa encarnada. Uma prece sincera, um pensamento simples, mas bondoso, endereçado aos entes que partiram, valem mais do que mil coroas de flores e solenidades fúnebres.

Todavia, não nos esqueçamos de que mais importante não é o comportamento nosso na hora da desencarnação de um ente querido, ou no momento de nossa própria morte física, mas sobretudo a conduta que devemos ter durante toda a nossa existência física, pois que, sendo Espíritos imortais, nossa vida é uma constante preparação para a morte, razão pela qual é preciso viver bem para morrer bem.

(Transcrito do livro *ESPIRITISMO PASSO A PASSO COM KARDEC*; autor: Christiano Torchi)

POR QUE KARDEC?

Martha Rios Guimarães

Nunca é demais lembrar que dentro da Doutrina Espírita só existe uma base possível: a deixada por Allan Kardec. Ter essa consciência é essencial para evitarmos interpretações errôneas que resultem em distorções doutrinárias.

Mas por que, afinal, Allan Kardec é considerado a base? Primeiramente porque a obra não pertence exclusivamente a ele, mas foi desenvolvida em conjunto com uma equipe espiritual formada por Espíritos esclarecidos e capacitados para tal missão.

Contudo, ainda que alguns diminuam o trabalho por ele executado, vale lembrar que o Codificador desempenhou a parte que lhe coube nessa tarefa de forma magistral: elaborando os questionamentos de forma inteligente e metódica, analisando-os criteriosamente e passando-os pelo crivo da razão - é bom lembrar que para se obter uma boa resposta há que se fazer uma boa pergunta.

Além de passar por sua análise criteriosa, Allan Kardec tomou outra providência importante que foi utilizar médiuns diferentes, que não trabalhavam no mesmo grupo, para obter as respostas aos seus questionamentos - usando as variadas fontes para efeito comparativo. Ou seja, criou o critério da universalidade das informações que estabelece que a verdade não limita-se a um médium ou local, mas é disseminada através de canais diferentes.

Outro fator importante é a constatação de que desde o seu lançamento, em 1857, até os dias atuais, O Livro dos Espíritos sempre teve seu conteúdo comprovado pela ciência e pela filosofia, comprovando a famosa frase do Codificador: "fé inabalável somente aquela que pode encarar a razão frente a frente em qualquer época da humanidade".

Portanto, como afirma Herculano Pires em seu livro A Pedra e o Joio, "qualquer obra que pretenda superar Kardec ou subestimar a Doutrina Espírita precisa ser submetida à prova do toque.

E essa prova só pode ser feita de duas maneiras: de um lado, conferindo-se a pretensa superação com a obra de Kardec para verificar-se qual das duas está mais coerente e apresenta maior coesão, maior unidade e firmeza nos seus princípios; de outro lado, conferindo-se, como recomenda o próprio Kardec, os princípios da pretensa superação com as exigências do pensamento atual em todos os campos de nossa atividade mental."

Isso não significa que livros de outros autores não possam ser estudados para complementar os estudos doutrinários, mas sim que toda e qualquer obra (independente do autor/médium) precisa ser avaliada a partir do conteúdo da obra kardequiana e sempre tendo o bom senso como elemento de análise - seja no conteúdo da mensagem ou na linguagem adotada pelo Espírito comunicante.

Tal procedimento garantirá a separação do "joio do trigo", evitando o desvirtuamento da mensagem espírita e garantindo que ela seja captada em sua plenitude e correção por todos os que por ela se interessarem.

POEMA DA AMARGURA E DA ESPERANÇA

Hermes Fontes

Falar-vos de martírios e tormentos,
É perpetrar amargas redundâncias,
Redizer minhas mágoas, minhas ânsias,
Renovar minhas sínopes de dor...
Não sorvo mais os tóxicos violentos
Do desespero e da melancolia,
Após a derrocada
Das construções de um sonho superior.

Tudo outrora, Senhor,
Na minha pobre vida abandonada,
Era o tédio cruel que me impedia
De vislumbrar a claridade intensa
Da luz do sol puríssimo da crença,
Tudo em volta de mim era a cegueira
Que torturou a minha vida inteira,
Que me seguiu o espírito ambicioso!

A carne é pobre e é cheia de fraqueza,
Simbolizando o ciclo tenebroso
Das sínteses de dor da Natureza.
E a carne subjugou-me inteiramente,
Fez-me fraco e descrente,
E transformou a minha mocidade
Num montão de ambições, de fama e glória,
Adormeceu-me aos cantos da vaidade
E me afastou da estrada meritória
Da crença e da bondade...

Misericordiosíssimo Senhor!
De tortura em tortura amargurado,
O meu frágil espírito inferior
Viu-se presa de trevas, no passado,
E a desgraça suprema o amortalhou.

Tudo sofri, de dor e de miséria,
Mas a tua bondade me levou
A esquecer a influência deletéria
Da carne passageira...
Rompeste a minha venda de cegueira
E divisei o excelso panorama
Do Universo infinito, que Te aclama
Como fonte do amor ilimitado!

Revelaste, meu Deus, o meu pecado
E pude ouvir as harmonias puras
Que equilibraram os mundos nas alturas!...

Cheio de amaridúlcida ansiedade,
A esperança o espírito me invade
Aguardando as lágrimas futuras
A minha redenção...

Que a confiança, pois, em Ti me anime,
Que no porvir a dor bela e sublime
Jorre em minh'alma a luz da perfeição.



Benedita Fernandes

1883 – 1947

Benedita Fernandes nasceu em 27 de junho de 1883, em Campos Novos de Cunha, São Paulo, filha de escravos. Teve infância pobre e difícil. Não se tem registros da data exata de quando, em desequilíbrio, abandonou a casa dos pais.

Portadora de atroz obsessão, autêntica subjugação, Benedita perdeu o contato com a família. Em 1903, perambulava sem rumo pelas ruas de Penápolis, São Paulo, causando tantos incômodos à população que, considerada louca, foi recolhida à cadeia pública. Nessa época, não existia nenhum cuidado ou tratamento específico aos loucos das ruas, senão a reclusão.

Portadora de pertinaz obsessão, recebeu os cuidados do carcereiro Padial, que a alimentava e protegia. E João Marcheze, espírita e fundador do Centro Espírita Discípulos de Jesus, lhe aplicava passes, aliados aos ensinamentos da Doutrina Espírita.

Com esse tratamento, Benedita recobrou a consciência e partiu para Araçatuba, onde foi acolhida por um casal de amigos, que a ajudou quando completamente desorientada pela mediunidade que aflorava. Depois de uma forte crise psíquica, ela recebeu um chamado libertador, cuja voz dizia: "Benedita, se prometer consagrar-te inteiramente aos enfermos e pobres sairás curada daqui."

Uniu-se a outras mulheres simples da comunidade para a fundação do Centro Espírita Paz, Amor e Caridade e, em 1932, foi fundada a Associação das Senhoras Cristãs, tendo Benedita como presidente.

Depois, surgiram a Casa da Criança e o Asilo Dr. Jaime de Oliveira. Em 1933, por exigência dos órgãos governamentais essas instituições foram desativadas e transformadas em Sanatório. Ali havia uma tríade: associações filantrópicas, o movimento espírita, e a psiquiatria.

Benedita exerceu liderança política e social tanto no âmbito das associações filantrópicas quanto no movimento espírita local.

Foi responsável pela implementação das primeiras políticas públicas de saúde mental em Araçatuba e, provavelmente, a pioneira dos Hospitais Psiquiátricos Espíritas.

A mulher simples, filha de escravos e semianalfabeta se transformou em pioneira da assistência social espírita em toda a região Noroeste do Estado de São Paulo e quiçá de todo o Brasil, pois muitas de suas políticas foram usadas mais tarde em outras regiões.

As atividades lideradas por Benedita representaram um marco no movimento espírita de Araçatuba. Sua dedicação tornou-se conhecida e era grande o número de necessitados da região e até de lugares lon-

gínquos que a procuravam.

Aos domingos, passeava com as crianças pelas praças e ruas centrais da cidade.

Conta-se que, um dia, Benedita Fernandes viu jogado a um monturo, morto, e quase devorado por urubus, o corpo de um mendigo, seu conhecido. Jurou que jamais alguém ficaria sem o seu amparo. Passou a recolhê-los e abrigá-los, quando em crise. Os dementes avançavam para ela que se sentava, os acalmava com preces, passes, boas palavras. Eles ficavam calmos, pacificados pela força irresistível do amor.

O prefeito da cidade passou a auxiliá-la com recursos financeiros, mas um dia, o dinheiro parou de chegar. Ela foi falar com ele que lhe disse não ter mais verba. Benedita voltou para casa e liberou todos os loucos. Em breves horas, o problema estava resolvido, a verba voltou para que pudesse atender aos pobres e necessitados.

Certa feita, as crianças não tinham o que comer. Benedita explicou-lhes que se elas fossem ao portão, Jesus as auxiliaria. Elas se postaram à entrada do Lar. Passou um homem chamado Ricieri. Era um tripeiro, vendedor de vísceras de animais. Ele perguntou o que elas faziam ali. "Estamos esperando Jesus para nos dar de comer." Ele lhes respondeu: "Digam para a mãe-

zinha de vocês que Jesus chegou!"

Daquele dia em diante, com as sobras do tripeiro, não houve mais fome por lá. Ainda, ele falava aos fregueses daquele pequeno abrigo e muitos passaram a auxiliar.

Um fato que contribuiu para divulgar o trabalho de Benedita Fernandes, foi uma mensagem psicografada por Francisco Xavier, intitulada "Num Domingo de Calor", assinada por Hilário Silva, e publicada pelo "Anuário Espírita 1964" (IDE).

Comentamos essa mensagem nos nossos livros "Dama da Caridade" e "Chico Xavier – o homem e a obra":

"Benedita Fernandes, abnegada fundadora da Associação das Senhoras Espíritas Cristãs, de Araçatuba, no Estado de São Paulo, foi convidada para uma reunião de damas consagradas à caridade, para exame de vários problemas ligados a obras de assistência. E porque se dedicava, particularmente, aos obsidiados e doentes mentais, não pode esquivar-se.

Entretanto, a presença da conhecida missionária causava espécie.

O domingo era de imenso calor e Benedita ostentava compacto mantô de lã, apenas compreensível em tempo de frio.

– Mania! – cochichava alguém, à pequena distância.

– De tanto lidar com malucos, a

pobre espírita enlouqueceu..., dizia elegante senhora à companheira de poltrona, em tom confidencial.

– Isso é pura vaidade, – falou outra – ela quer parecer diferente.

– Caso de obsessão! – certa amiga lembrou em voz baixa.

Benedita, porém, opinava nos temas propostos, cheia de compreensão e de amor.

Em meio aos trabalhos, contudo, por notar agitações na assembleia, a presidente alegou que Benedita suava por todos os poros, e, em razão disso, rogou a ela que tirasse o mantô por gentileza.

Benedita Fernandes, embora constrangida, obedeceu com humildade e só aí as damas presentes puderam ver que a mulher admirável, que sustentava em Araçatuba dezenas de enfermos, com o suor do próprio rosto, envergava singelo vestido de chitão com remendos enormes."

Hilário Silva

(Página inédita, recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião da noite de 27/07/1963).

Mãe Dita, como era conhecida, se dedicou, ainda, à mediunidade e evangelização das crianças.

Tornou-se uma das pioneiras do atual movimento de unificação dos espíritas quando fundou, aos 30 de

agosto de 1940, a União Espírita Regional da Noroeste, sendo eleita sua presidente.

Mantinha correspondência com Cairbar Schutel, que publicava notícias sobre o trabalho dela, no jornal O Clarim. Era visitada por lideranças expressivas como João Leão Pitta e Leopoldo Machado.

Sentiu-se mal às 23 horas do dia 8 de outubro de 1947, quando conversava com as crianças, aconselhando-as. Desencarnou à uma hora e trinta minutos do dia 9, vítima de colapso por insuficiência cardíaca.

Retornou da Espiritualidade, através da psicografia de Divaldo Pereira Franco, oferecendo mensagens, que foram enfeixadas no livro Terapêutica de Emergência, editora LEAL.

Uma mulher tida como louca tornou-se a Dama da Caridade, marcou uma época e tornou-se referência histórica dos hospitais psiquiátricos espíritas.

Referência:

1. Antonio Cesar Perri de Carvalho, Obra De Vultos, 1ª edição, USE:Araçatuba, 1999.
2. Marilusa Moreira Vasconcellos, Dama de Caridade, 1ª edição, - Editorial Espírita Radhu:São Paulo, 2014.
3. CARVALHO, Antônio César Perri de. Dama da caridade. Araçatuba: União Municipal Espírita de Araçatuba, 1982.
4. CAMARGO, Michelle Alcântara. Dentre Muros: Uma etnografia sobre um hospital psiquiátrico. 2017. Tese (Doutorado) em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, São Paulo, 2017.
5. Associação das Senhoras Cristãs Benedita Fernandes – <https://www.ascbeneditafernandes.com.br/-historico>, site consultado em maio, 2024.
6. <http://feaparana.com.br/topico/?topico=606>, site consultado em maio, 2024.

Espitirinhas



422 - APRENDENDO

www.espitirinhas.com.br

Wilton Pontes